

DF - Cultura

TRAZIDO DO MARANHÃO LOGO APÓS A INAUGURAÇÃO DA CAPITAL, **BUMBA DE SEU TEODORO** VAI SER TOMBADO COMO **PATRIMÔNIO IMATERIAL DE BRASÍLIA**

NO CINÊ BRASÍLIA

A história do mestre maranhense e sua paixão pelo bumba virou curta-metragem. Nôga Ribeiro e William Alves finalizaram, neste ano, o filme *Teodoro Freire — O guardião do rito*, que concorre na categoria 35 mm no 36º Festival de Cinema de Brasília do Cinema Brasileiro. “É um grupo de bumba-meu-boi dos mais bonitos que vi. Não deve para ninguém do seu estado de origem, o Maranhão. O seu Teodoro é um personagem superimportante na história dessa cidade”, reconhece Nôga. A memória do maranhense impressionou os cineastas. “Ele foi testemunha de vários acontecimentos, conhece e é bem conhecido. É uma biblioteca humana”, afirma. A dupla entrou fundo na intimidade de Teodoro. “Conhecer seu Teodoro foi conhecer um pouco da história popular. Fomos até o lugar em que ele nasceu. Ele é um exemplo de luta, guerreiro, que passa por cima de todas as dificuldades para manter a tradição”, observa William.

SEU TEODORO COM O BOI QUE SE TORNOU ORGULHO DOS BRASILIENSES: TRADIÇÃO E GARRA

BOI ETERNIZADO

DANIELA PAIVA
DA EQUIPE DO CORREIO

O irmão mais novo de Brasília vai ganhar um presente merecido. A Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico (Depha) está prestes a tornar o bumba-meu-boi de Teodoro Freire, que neste ano comemora 40 anos de existência, num bem patrimonial tombado. Falta apenas a assinatura do governo na proposta que permite a preservação da manifestação artística que foi incorporada à cultura da capital.

“Dos movimentos culturais consolidados em Brasília, o boi é o primeiro que completa 40 anos”, justifica Jarbas Silva Marques, diretor da Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico (Depha), da Secretaria de Cultura. “Há quatro meses nos reunimos com a 15ª Superintendência Regional do Iphan (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico) para fazer uma legislação porque o processo é muito lento em cima das necessidades”, afirma Jarbas.

A minuta está pronta. Falta submetê-la à assessoria jurídica do governador Joaquim Roriz para que seja instituído o chamado registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem o patrimônio cultural do Distrito Federal. Como exemplo de ação semelhante, ele cita o pão de queijo em Minas Gerais. “A partir da criação de uma legislação, a cidade vai se reconhecendo. Isso gera uma mentalidade de aglutinação dos movimentos culturais”, observa.

Teodoro Freire, ou “seu” Teodoro, aos 83 anos, tem uma memória incansável. Lembra datas, nomes, detalhes mi-

nuciosos dos fatos. Sempre com um sorriso nostálgico e acolhedor nos lábios. E a bandeira do Flamengo no chapéu, no botom da blusa, exposta na sala... Torcedor exemplar, Teodoro também é exímio perpetuador da tradição. *Pra cá* trouxe, do Maranhão junto com a mudança, o bumba-meu-boi. E acoplou às vigas da metrópole brasiliense, a beleza lúdica da cultura popular.

O amor pelo folclore do boi vem de longe, da infância, quando as festas e folguedos eram parte da rotina. Brincar com o boi, cantando ou interpretando um dos personagens do folclore, ele confessa que nunca foi seu forte. Pequeno, Teodoro gostava de observar, maravilhado, as cores, os instrumentos, a toada, a dança. E ajudar nos bastidores para que, mais uma vez, o boi saísse pelas ruas e encantasse a população. “Aos 9 anos botava o pilão de socar café dentro da rede e acompanhava o boi escondido da minha mãe”, ri.

Pão com café

Sentar e ouvir o mestre é folhear a história da construção da capital do país. “Viemos brincar no primeiro aniversário de Brasília”, lembra Teodoro a descoberta da capital como se fosse ontem. Nessa época, ele havia se mudado para o Rio em busca de melhores condições de trabalho. Para matar a saudade das raízes, montou um grupo de bumba. “Percebi que as coisas do Maranhão precisavam ser divulgadas”. Em 1962, Teodoro veio desbravar a capital. Logo conseguiu emprego como recepcionista e confeccionador de instrumentos musicais.

Rapidamente começou a organizar o primeiro boi origi-

nado na cidade e formou a Sociedade Brasiliense de Folclore Maranhense junto com deputados, empresários maranhenses e estudantes. Depois a Sociedade seria transformada no atual Centro de Tradições Populares (CTP). “Perguntava aos alunos se eles sabiam o que era o bumba. Dizia para quem se interessava que estávamos ensaiando na minha casa em Sobradinho”. Na estréia, Teodoro enfrentou duas viagens de ônibus para trazer o material necessário à festa. “Preferi do que ir de avião. Queria descansar”, justifica. Em 1963, o bicho saiu dos muros de sua casa e brincou nos clubes, em Sobradinho, na UnB. “O difícil mesmo é o Flamengo perder. O resto é fácil. Faço qualquer coisa pelo Maranhão. A gente tem que ter ideal e eu tenho muito amor pela minha pátria”, enfatiza.

Para levar o boi às ruas todo ano, mestre Teodoro enfrentou falta de dinheiro, ditadura militar, custo alto da roupa, roubo, chuva, receio da população pela cultura popular. “Teve um ano em que a comida aqui em casa foi, por quatro dias, só pão com café. O boi precisou que eu fizesse isso”, diz Teodoro. “O povo brasileiro ainda não sabe o que é dele. Acha bonito quando o Lula põe a guitarra no colo. O boi é do povo”.

Mestre Teodoro é radical em se tratando de música produzida fora do país. “Aqui não entra rock, pagode, reggae. Quebro disco de banda internacional”, metralha. E aí de quem falar mal de José Sarney. “Ele nunca me negou uma ajuda para o boi.” Mas tinoso, não dá o braço a torcer. Há 40 anos, a tradição do bumba-meu-boi em Brasília é a mesma. “Não descaracteriza porque sou carne de cabeça.” Para Mestre Teodoro, carne de pescoço é pouco.